

Comunicação religiosa: a atividade *online-offline*

Religious communication: the online-offline activity

Lyon Alves

Mestrando em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

alves_lyon@outlook.com

<https://lattes.cnpq.br/1749831816583055>

Resumo

A década de maior crescimento de grupos protestantes está atrelada à expansão do mundo digital; ao mesmo tempo temos uma maior receptividade de tendências nacionalistas, antidemocráticas e de oposição na discussão política. A pergunta é se a correlação religião e discurso político é tão estrita como se supõe. O nosso problema central é em relação ao método de investigação dentro da relação *online-offline*; nosso foco será lidar com o fenômeno da correlação entre informação e exercício das práticas religiosas através do mapa de Siuda, no qual classifica dois tipos de atividades no mundo digital, a saber, *religion online* e *online religion*. A tese aqui apresentada é que os métodos que avaliam descritivamente os resultados não conseguem conceitualizar o fenômeno atual de grupos religiosos, neste ínterim, sugerimos uma investigação da comunicação; isso implica em uma retomada da busca pela estrutura epistêmica e pelo uso da linguagem em um mundo hiperconectado.

Palavras-chave: Comunicação. Protestantes. *Online*. *Offline*. Epistemologia.

Abstract

The decade of the largest growth of Protestant groups is linked to the expansion of the digital world; at the same time, we have a greater receptiveness to nationalist, antidemocratic, and oppositional trends in political discourse. The question is whether the correlation between religion and political discourse is as strict as assumed. Our central problem concerns the investigation method within the *online-offline* relationship; our focus will be on dealing with the phenomenon of the correlation between information and the exercise of religious practices through Siuda's map, which classifies two types of activities in the digital world, namely, *online religion* and *religion online*. The thesis presented here is that methods that descriptively evaluate results cannot conceptualize the current phenomenon of religious groups. In the meantime, we suggest an



investigation of communication, which implies a return to the search for the epistemic structure and the use of language in a hyperconnected world.

Keywords: Communication. Protestants. *Online. Offline.* Epistemology.

1 O problema

Quando se está dentro de um acontecimento poucas explicações ou definições externas são consideradas essenciais, epistemicamente somos mais confiantes naquilo que nos é mais íntimo e conhecido como sendo verdade factual; referente a um fenômeno social pode-se teorizar sobre o seu desenvolvimento e implicações, e também tomar uma posição moral objetiva geral frente a ele; pode-se até mesmo discutir os mesmos pontos a nível público, sem a necessidade de que seja teoricamente embasada, ou seja, podendo ser parte dos nossos assuntos gerais. Porém, quando se está dentro da situação, quando se está inserido dentro da “cultura” e do uso específico de uma determinada linguagem, a distância que impelia a ver a situação em terceira pessoa se altera para a primeira; e assim sendo, o impacto que uma pessoa (pense em um familiar, ou responsável), ou instituição (religiosa, esportiva, política ou companheirismo), ou vínculo sentimental (amizade, história, arte, espaço físico-natural, estrutura física-instrumental) tendem a ocupar uma posição central, ou constitui-se como a base pela qual conseguimos compreender o mundo.

Pertencer, estar, participar e atuar é composto de inúmeras camadas, mas não se pode negar que estar dentro do jogo é algo que nenhuma descrição pode comportar, portanto, fenomenologicamente a lacuna entre os conceitos e dados que utilizamos a nível teórico se estabelece dentro daquilo que é a fluidez na qual nos inserimos e para a qual parece que entendemos os mecanismos de interação. Neste espaço volvemos ao problema antigo de toda a filosofia, que como aponta Gillespie (2008) ainda continua a ser o problema central de nossa defesa, pesquisa e atuação epistêmica, a saber, o problema de Parmênides e seus desdobramentos, a grande influência da fluidez de Heráclito e a possibilidade de abertura a uma compreensão minimamente estática (a ponto de garantir a teorização de particulares) da metafísica aristotélica. Não entraremos nesses tópicos, mas não escaparemos às suas problemáticas, pois o que aqui defendemos, à luz da afirmação de Gillespie, é que toda conceitualização e atividade teórica moderna está intrinsecamente conectada às discussões teológicas.



O nosso problema está centralizado no novo microcosmos religioso¹, a saber, sua atividade *online* e *offline* (CAMPBELL, 2011, p. 65). Neste ínterim, nos encontramos perante alguns problemas que não serão aqui diretamente considerados, não obstante sejam de suma importância, são eles: as diferentes denominações e perspectivas teológicas, a impossibilidade de generalização dadas as suas diferentes visões de mundo, a sua maior ou menor atividade no mundo tecnológico.

Por não estarmos perante um movimento homogêneo muitas de suas variantes não são passíveis de classificação geral; a igreja protestante no Brasil, embora tenha núcleos mais históricos de atuação², possui uma gama complexa de diferentes paradigmas. Com isso em mente, o nosso objetivo aqui é tanto geral (em termos fenomenológicos) quanto uma tentativa de especificidade (lógica-metafísica) de abordar o que consideramos ser um assunto de suma importância. Assim, mesmo que sucintamente, mais que abordar os dados presentes demograficamente, aqui queremos fugir das pressuposições que tendem a considerar toda e qualquer atividade de cunho religioso como um tribalismo autoritário e radicalista em sua concepção de mundo; obviamente nos encontramos entre posições que tendem desde abordagens mais liberais quanto à visões de um nacionalismo cristão, mas como apontamos anteriormente, uma coisa é estar dentro de um contexto, outra é estar fora, o que faz com que tais concepções significam coisas distintas para grupos distintos.

No presente artigo sedimenta o caminho que pretendemos seguir, que é a tese da atividade evangélica brasileira como *comunicação*; e que tal ponto de vista nos levaria a compreender a atividade religiosa, bem como a atividade humana em geral, dentro da dinâmica *online-offline*.

O que queremos dizer é que estamos perante um tópico da teoria do conhecimento, estamos dentro do campo da discussão ontológica e do papel da arte, do símbolo, da imaginação e da atividade do espírito humano. Assim, na sequência, versaremos sobre uma tentativa de conciliar a dinâmica conflitante entre *online* e *offline*, criticando a distinção conceitual entre primeira e terceira pessoa, entre valor e tendências de grupos frente a estes valores, entre uma conceitualização em retas e abscissas e o fenômeno humano.

2 A comunidade protestante *online-offline*

¹ Mais especificamente o nosso tema considerará a atividade de grupos atrelados com origem e perspectiva cristã reformada

² Como a igreja luterana, presbiteriana, metodista, batistas.



Conforme dados do IBGE a soma de evangélicos no Brasil ao longo das últimas décadas sugere um grande crescimento e participação. Em 1990 o número total de evangélicos era de 13.189.284, nos anos 2000 passou para 26.184.941, e em 2010 chegou a 42.275.440³.

Muito se discute sobre o papel do montante evangélico e de sua participação e influência política. Nas últimas eleições a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) alcançou números expressivos de candidatos eleitos e ampliou sua importância como agente protagonista do governo; no entanto, a distância avaliativa por parte de quem se debruça sobre os dados não fornecem as reais participações e sentimentos intrínsecos a este grupo tão expressivo e plural. Tende-se a tecer ideias gerais e pouco assertivas a nível teórico, principalmente sobre questões morais e epistêmicas quando se tenta descrever o fenômeno da atividade evangélica no Brasil. Assim, tende-se a classificar e definir externamente o que é o fenômeno religioso, e geralmente rebaixando-o ou relacionando-o direta e estritamente ao discurso antidemocrático.

Como já citamos, estamos perante um movimento amplo e com múltiplas facetas, e que internamente possui tantas divergências quanto grupos, ou seja, não há só a crença calvinista, mas sim crenças (variações interpretativas) calvinistas; não há uma Igreja Batista, mas igrejas batistas. Se há um eixo mínimo, também há peças que se diferenciam e parecem atuar de modo contrário umas as outras. Soma-se a isso o acréscimo da relação - ou poderíamos dizer simbiose? – *online* e *offline* da atividade religiosa, ou seja, dentro do mundo conectado via internet e o mundo da relação humana entre seus pares. Porém, não é possível traçar uma linha entre ambas as atividades, elas tendem a se complementar e a se sobrepor.

Basta seguir o aperfeiçoamento de uma técnica como a do rádio para ver o jogo das perturbações eliminado e o determinismo consolidado. Esse jogo só é possível por uma cooperação estreita da teoria e da técnica. O determinismo compreendido. Se estabelece, assim, o eixo do racionalismo aplicado. (BACHELARD, 1975, p. 125).

Outro fator que torna ainda mais complexa tal atividade é que o protestantismo tende a descentralizar a figura de poder autoritativa, o que faz com que a atividade autoritativa se dilua em espaços, graus e pessoas; uma amostra disso tem sido os programas de pequenos grupos ou “células”, e os respectivos momentos de orientações em seções mais reservadas (GALINDO e GUSSO, 2007, p.141).

Outro ponto que se destaca é que na interação *online-offline* não é simples elucidar o grau de participação de um indivíduo com as crenças em seu próprio contexto, ou até mesmo com o que se

³ Aqui nos baseamos apenas no número total, no entanto, muito do crescimento descrito deve-se à influência pentecostal.



compartilha em redes sociais – seja de outrem ou de si mesmo. Um exemplo deste gap é o não conhecimento de conceitos como “nacionalismo religioso”, ou até mesmo a não identificabilidade com esse grupo por parte de pessoas que compartilham muitas das opiniões geralmente classificadas como tal (PRRI, 2023). A falta de centralidade e de um modelo nuclear autoritativo fixo faz com que a prática evangélica necessita constantemente de confirmação externa e interna, e isso envolve mecanismos psicológicos intersubjetivos complexos - iremos explorar um pouco do fenômeno conectivo proposto por Siuda na próxima seção para tentar conceitualizar essa problemática.

Portanto, estamos inseridos em uma realidade para a qual há a necessidade de interdisciplinaridade para a análise dos dados, e para se descrever as causas e os efeitos; mas antes disso é necessário melhorar a nossa conceitualização inicial, e o nosso esforço aqui é desenvolvê-la, faremos isso com base em Helland (2005) e Siuda (2021), com o intuito de explicitar o que compreendemos ser uma tese mais assertiva em nível analítico⁴, sendo a nossa tese a da comunicação religiosa como atividade *online-offline*, sendo o núcleo a comunicação, e esta como conceito.

3 Online religion e religion online

Sabendo do rápido crescimento do grupo evangélico nas últimas décadas, tendo-se em mente que há diferentes paradigmas, que há diferentes estruturas e modos de participação, como um grupo que tenderia à fragmentação pode ter em diversos momentos coesão tal que pareçam caminhar em pontos de convergência?

Para a questão acima, como já apontamos, há grande ênfase para metodologias quantitativas e qualitativas, e que são sim importantes, porém, o que explica o fenômeno subjetivo e intersubjetivo em atuação? Como se explica o compromisso que uma pessoa e família tem com aquilo que lhe é a dimensão do sagrado? É esse gap que não se ultrapassa com facilidade, pois ele nos impele a diversos problemas de ordem ontológica, lógica e metafísica, mais especificamente por uma questão de teoria do conhecimento.

Afirma Geertz (1993, p.118) que a religião é como um modelo para compreender uma vasta gama de experiências intelectuais, emocionais e morais; assim, a atividade religiosa pode fornecer um modelo, mas a sua ação não é sistematicamente este modelo. Se assim ocorre, podemos

⁴ O uso do termo analítico não remete à busca do termo mais simples, ou de uma lógica formal. Nossa tentativa é uma aproximação e reinterpretação da tese analítica strawsoniana, e que é melhor exposta em seu livro *Análise e metafísica*. Uma introdução à filosofia.



classificar os modelos, o conteúdo e a dinâmica interna e externa de tais modelos de modo exclusivamente descritivo? Aqui defendemos que é necessário admitir o que está submerso, a estrutura mínima do nosso exercício intelectual, e que também se encontra no desenvolvimento religioso.

A relação interpessoal e a atividade de participação e comunicação religiosa tem se modificado em todo o mundo, mas quando estamos falando do contexto evangélico o fenômeno ganha em peculiaridade, pois,

A religião *online* faz lembrar de certa forma a Reforma Protestante, na medida em que a Igreja e o sacerdócio já não são considerados um intermediário importante entre o povo e a sua prática religiosa. A comunicação de muitos-para-muitos não precisa de uma hierarquia para funcionar, mas sim de um nível aberto e igual de participação de todos os membros. Isto tem implicações significativas relativamente à forma como a religião funciona como um sistema cultural, uma vez que há muito mais na religião do que apenas informação. (HELLAND, 2005, p. 4. Tradução nossa).

Online religion e *religion online*⁵ diferem-se pelo fato de que o primeiro é apresentado como conexão interativa por meio do amplo diálogo e trocas de informações entre diferentes participantes, enquanto o segundo pode ser retratado como o exercício tradicional um-a-muitos nas plataformas digitais. Helland tem desenvolvido essa temática ao longo das últimas décadas e tem aprimorado sua visão, uma vez que o mundo *online* tem evoluído e proporcionado avanços no grau de interação.

Siuda complementa a concepção de Helland por meio de um mapa para distinguir os espaços religiosos *online*. Ele divide os espaços em quatro grupos distintos, que são: (1) *religion online*, (2) *online religion*, (3) religião tradicional e (4) religião inovadora (SIUDA, 2021, p.3). Os dois primeiros tipos seguem a classificação de Helland,

As duas seguintes são sobre tradições institucionais já existentes há muito estabelecidas (cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, judaísmo etc.) por um lado, e novos movimentos religiosos, cultos, profetas autoproclamados, ou gurus, fenômenos quase religiosos etc., por outro. (SIUDA, 2021, p.3. Tradução nossa).

⁵ Optamos por manter o termo totalmente em inglês para facilitar a distinção sem perder a real implicação.



A tentativa de Siuda é abranger com mais precisão as diferentes manifestações *online*; os sites e as opções dentro de cada link etc.. Esses grupos estão dentro de outra categorização, informação; participação; tradição e inovação. O sistema desenvolvido por Siuda está disposto da seguinte maneira:

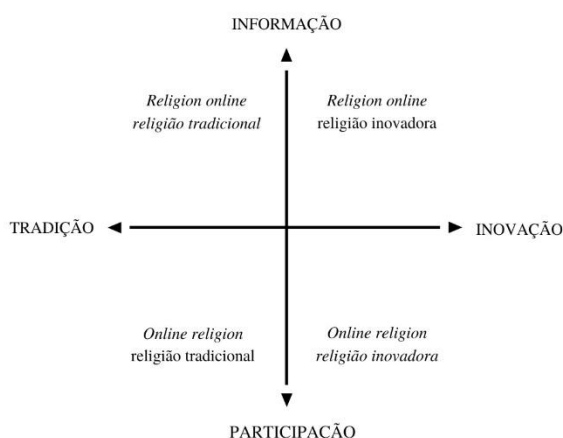


Figura 1. Mapa da atividade dos espaços religiosos segundo Siuda (2021, p.14).

Assim, um determinado site ou influencer pode ser classificado como inovador em suas opiniões, e ao mesmo tempo permitir, ou não, interações por meio de caixas de comentários, lives com diálogo aberto ou não. Já outro grupo pode ser de perfil informativo um-a-muitos com restrição de interação, o que seria uma forma de manter o espaço restrito e a informação estável ao conteúdo previamente desejado.

No mapa de Siuda há uma oposição entre eixos (tradição e inovação; participação e informação), ou uma aproximação de tendências (tradição, participação e inovação; tradição, informação e inovação). Com esse mapa, conforme Siuda, é possível conceitualizar de modo mais assertivo certos movimentos como a seita “*The Family International*” - que surgiu com forte mensagem apocalíptica e da iminência de um governo global; e que professava que Deus é amor e que o sexo é uma manifestação desse amor, o que resultava em práticas de pedofilia normatizadas internamente.



O *online* e *offline* já não se diferenciam, pois há uma correlação direta entre elas, porém *online religion* e *religion online* se diferenciam pelo papel da influência ou autoridade da mensagem (um-a-muitos, muitos-para-muitos), e esta oposição é mais clara no mapa exposto acima, no qual vemos que a primeira tende a ser mais informativa, e a segunda mais participativa. Ambas irão se conectar ou com a tradição ou com a inovação, mas continuarão a ter certo grau de diferença quanto à comunicação subjetiva e a intersubjetiva.

Siuda já percebe que há problemas que devem ser analisados em pesquisas mais amplas. Aqui defendemos que tal conceitualização pode ser funcional de um ponto de vista externo e estático. No entanto, ao realizar uma pesquisa por canais protestantes de grande influência no Youtube⁶, podemos chegar à constatação de que ao menos três deles se encaixam melhor mas não exclusivamente no perfil tradição-informação, ou na estrita classificação *online religion* ou *religion online*; Já o canal do Deive Leonardo e do Jesus Copy não são tão fáceis de se conceitualizar conforme planeja Siuda, pois há sim um fator de comunicação um-a-muitos, mas esta comunicação é atravessada por muita interação, de diversos tipos, de modo a se classificarem também como participativos e inovadores. Soma-se a isso que os chamados *Shorts*, vídeos de curta duração planejadamente editados para passar uma informação adiante de maneira mais interativa, seja como feed, status em plataformas de comunicação, alcançam números de visualizações que chegam facilmente ao dobro da plataforma mais comum – vídeos em formato comum no Youtube. E mesmo que tais vídeos não tenham caixa de comentários, estes servem como maneira de expressão subjetiva pelo fato do compartilhamento em *status* no Facebook, Instagram, WhatsApp, TikTok, entre outras.

A lacuna que se coloca é que a exterioridade da avaliação, ou tentativa de uma avaliação puramente descritiva, não se coaduna com a posterior valoração, o que implica que é necessário justificar o método e qual a conexão que pode haver com o resultado da atividade interna que a provoca. Outro detalhe é que constantemente uma avaliação de tal tipo quer compreender o fator “risco religioso”, levantando dados como o do impacto do voto protestante como associação de ideias de riscos sociais ou alienantes.

⁶ Até o dia 6 de março de 2023 os números de inscritos de cada canal era:

- 1.Pastor Antônio Junior: 12.200 milhões de inscritos
- 2.Deive Leonardo: 8.650 milhões de inscritos
- 3.Pastor Paulo Junior (Defesa do Evangelho): 1,760 milhões de inscritos
- 4.Jesus Copy: 1,970 milhões de inscritos
- 5.Pastor Silas Malafaia: 1,690 milhão de inscritos.



O que queremos dizer é que tal método aproxima indevidamente seitas como a “*The Family International*” e QANON⁷, de grupos e comunidades como a Igreja Batista, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Adventista, e outras tantas denominações⁸, grupos, páginas e conteúdos religiosos; e tal método faz isso de maneira externa e avaliativa. Mas qual é a diferença entre uma atividade informativa-tradicional que apregoa violência e racismo, e uma atividade informativa-tradicional que luta contra a violência e o racismo? Talvez diríamos que é o conteúdo que alguém compartilha e qual pertencimento e vínculo ela tem com um determinado grupo. Certamente tal medida objetiva é desejável e, em alguns casos, possível⁹; porém, o que está implícito nessa ideia é antes a identificação do grupo em termos morais, e posteriormente a filiação do indivíduo; o que está no centro de tal visão é que há uma diferença entre *online* e *offline* e que no *online* se pode aplicar classificações *offline*, esta classificação *offline* é uma determinação teórica valorativa que serve como crivo para a fenomenologia *estática* do vínculo religioso – que hoje é *online-offline*¹⁰ -, por meio de uma análise simples de um dado ou de posts, e que pretende explicar o efeito fenomenológico resultante.

Não que o próprio Siuda caia nessa falha, mas o seu mapa pode facilmente ser usado para equiparar movimentos que se assemelham em determinados aspectos por meio de uma classificação homogênea e objetiva (moralmente), não tornando possível detectar a falha e a origem dos absurdos ditos e compartilhados diariamente sob a roupagem da fé.

O mapa de Siuda precisa ser encarado não em uma perspectiva binária, entre pólos, em 2D, pois se quiser se mais assertiva na busca do conceito precisa considerar uma *estrutura* complexa, multidimensional, a ponto de não haver pólos ou distâncias entre *religion online* e *online religion*¹¹, pois para quem está envolvido em sua própria subjetividade o que é visto como informativo é

⁷ Grupo conspiracionista com grande participação na invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021.

⁸ Há sim a possibilidade de aproximação entre as teorias conspiratórias e os ensinamentos entre as comunidades mencionadas, mas o que queremos dizer é que não é possível detectar essa ligação de modo descritivo sem uma busca mais robusta pelos mecanismos que os intersectam.

⁹ Considero possível quando há clara e evidente transgressão das leis positivas.

¹⁰ Essa correlação, poderia alguém objetar, é, portanto, defender exatamente o que se está a combater em relação à avaliação externa, uma vez que ao tratar a relação *online* e *offline* como indivisível, seria o mesmo que afirmar que um é o outro e vice-versa, portanto, se um ato é criminoso em uma esfera será igualmente na outra, e isso reforça a classificação descritiva que temos feito. A nossa resposta é que isso só é possível ao se afirmar uma necessidade de verdade transcendental para a avaliação factual. E que essa indivisibilidade refere-se ao campo do exercício epistêmico, à sua formação e atividade, o que implica na asserção de que há uma lacuna entre o avaliativo e o formativo (em termos de articulação de crenças), e que isso não é sistematizável em totalidade em nível descritivo, pois há uma estrutura subjetiva em ação, é um processo complexo de formação; em síntese, há sim uma pretensão descritiva em nossa tese, mas ela é mais sobre qual é a estrutura do que está a ocorrer (e nisso nossa descrição é uma metafísica) do que um resultado estático do que é, ou como (utilitariamente e sistematicamente) deve ocorrer.

¹¹ Aqui estamos em consonância com Huizinga (2017), para quem a cultura é uma atividade inteiramente metafísica, com isso propomos uma leitura da religião como parte do homem *ludens*.



sobretudo participativo, o ato abraâmico é tanto uma obediência à informação quanto algo que lhe impele à participação; e só pode ser um ato de fé pois é algo inovador que se estende à tradição, assim sendo, o ato do cavaleiro da fé é uma suspensão dos sistemas morais, é uma renúncia para o tudo ter (KIERKEGAARD, 1993, p. 71).

Se a inserção da internet alterou algo em nosso mundo é exatamente a capacidade de transferência de informação, e isso é a alteração da velocidade, latência, alcance e barreiras da nossa linguagem. Se hoje estamos teorizando sobre a influência das crenças e seus padrões coletivos e políticos, é porque nós estamos tratando sobre o conteúdo que possibilita tanto o desenvolvimento subjetivo quanto a interação intersubjetiva. Estamos de acordo com Strawson quando ele afirma que

A metafísica tem uma história longa e iminente e, em razão disso, é improvável que existam quaisquer novas verdades a serem descobertas na metafísica descritiva. Mas isso não significa que a tarefa da metafísica foi, ou pode ser, executada de uma vez por todas. Ela deve ser constantemente refeita. Se não há novas verdades a serem descobertas, as velhas verdades a serem redescobertas, pois, ainda que o assunto central da metafísica descritiva não mude, o idioma crítico e analítico da filosofia muda o tempo todo. Relações permanentes são descritas em um idioma não permanente, que reflete tanto o clima do pensamento da época, como o estilo pessoal de pensamento filosófico individual. (STRAWSON, 2019, p.15).

4 O *online-offline* como fator comunicativo

Aqui, embora de modo muito sucinto, inserimos o que acreditamos ser um ponto importante para a reconsideração no estudo da influência das crenças em nossas vidas, incluindo as religiosas.

O primeiro ponto é que estamos dentro de uma discussão epistêmica, e que esta remonta ao problema metafísico, e da nossa capacidade de conhecimento dos fenômenos e da sua alteração. O nosso estágio filosófico desenvolveu importantes perspectivas empíricas para uma melhor abordagem do desenvolvimento do nosso conhecimento, apenas ressaltamos que a questão metafísica ainda permanece nuclear, ou seja, o problema da imanência é central – por mais que diversos autores o neguem - em muitas teorias sobre o nosso dispositivo, ou estrutura cognitiva¹². Segundo, estamos perante fenômenos que impõem grandes desafios à filosofia analítica, mas para os quais ela possui prevalência para conceitualização, uma vez que estamos frente a um fenômeno linguístico-epistêmico, no qual ambos se sobrepõem. A isso chamamos *comunicação*. Terceiro, uma teoria que visa o dispositivo da *comunicação* tem em vista sua conexão natural biológica e as diversas formas de linguagens digitais, que são coextensivas e inseparáveis, com isso, a

¹² Strawson foi um dos mais importantes filósofos recentes a problematizar isso.



investigação analítica – lembrando que estamos falando de seu aspecto ordinário que corresponde à estrutura triádica strawsoniana, que é uma tentativa de teorizar sobre o desenvolvimento do conhecimento humano com base em reinterpretações da filosofia aristotélica, humeana, kantiana e wittgensteiniana sobre nossa estrutura básica, que é a ligação entre ontologia, lógica e metafísica – está perante uma modificação e ampliação do campo de teorização¹³.

Agora, para que possamos deixar claro, e tendo como pano de fundo que há uma ligação entre desenvolvimento epistêmico e articulação de crenças, o que denominamos *comunicação* é a densa articulação multidimensional da troca de informações, e se críticas podem ser levantadas, elas só serão assertivas ao debruçar-se sobre os desacordos epistêmicos existentes na base.

A ampla articulação comunicativa torna tão improvável quanto incoerente uma classificação estática externa do *fenômeno plenamente efetivado*¹⁴. É uma necessidade empírica que tenhamos uma certa linha progressiva para classificarmos e compreendermos os fenômenos, mas não é uma necessidade que o exercício comunicativo tenha de seguir tal classificação, inclusive não segue. Nossa relação pode ser, como defendemos ser, triádica, e assim deveríamos, mesmo com toda a oposição existente, teorizar levando em conta que na prática humana estamos comprometidos com o vínculo entre conceitos ontológicos, epistêmicos e metafísicos, assim, uma teorização do fenômeno religioso da era das mídias digitais pode ser melhor problematizada, bem como a atividade humana em geral, como uma *comunicação*.

A mudança de paradigma é simples, mas crucial para entendermos: a). O papel do desenvolvimento cultural. b). O aspecto sentimental, do compromisso pessoal que se encontra entre uma pretensão subjetiva de busca por algo único, verdadeiro e significativo, etc.). As mensagens organizadoras e sistemáticas deste desejo que se coloca dentro e para além do conjunto organizador, mas que leva para fora aquilo que aprendeu dentro, e que compartilha no interno o que lhe é externo até que não exista linha que os separem. Portanto, a comunicação, em concordância com uma postura analítica triádica como propõe Strawson – mas indo para além de Strawson, pois ele não considerou a relação digital – se resume na seguinte proposta:

¹³ Com isso, acrescentamos que o escopo para a continuidade da pesquisa e busca pelas formas equivocadas pela qual a igreja se quer ver triunfante na terra (KIERKEGAARD, 2021) tem no aspecto cético um importante dispositivo no desenvolvimento de incoerências nas crenças que possuem forte tendências a justificativas contrárias ao conhecimento científico ou busca pela verdade, porém essa é uma suposição apenas inicial e que não será tratada aqui.

¹⁴ O escândalo da Cambridge Analytica colocou em xeque tudo o que teorizamos sobre o mundo interconectado. Não obstante o fato de que a Cambridge Analytica tenha utilizado um método de dados e classificação, sua ação foi avassaladora pois ela conseguiu agir na base da informação, reforçando posts até que eles exercessem influência no aparato cognitivo enviesado.



Abandonemos a noção de uma simplicidade perfeita nos conceitos; abandonemos até a noção de que a análise deve estar sempre na direção de uma maior simplicidade. Vamos imaginar, em vez disso, o modelo de uma rede elaborada, um sistema de itens interligados, de conceitos, tal que a função de cada item, de cada conceito, só pudesse, do ponto de vista filosófico, ser compreendida pela percepção das suas conexões com os outros, do seu lugar no sistema - ou talvez melhor ainda, através da imagem de um conjunto de sistemas dessa espécie engrenados uns com os outros. (STRAWSON, 2002, p. 36).

Que entramos novamente em diversos problemas, e que nos colocamos perante críticas principalmente pelo acordo de uma atenção à discussão ontológica, e por trazer a baila a metafísica, isso é evidente, mas defendemos que tal movimento é necessário para romper com as classificações indevidas, e ao mesmo tempo acabar com aparentes oposições e dualismos no desenvolvimento *comunicativo*.

O que indicamos no lugar de um mapa de ordenadas e abscissas é a complexidade conectiva. A imagem mais próxima ao conceito *comunicativo* no mundo *online* e *offline* é a obra de arte de Anthony James¹⁵, nelas James propõe uma conceitualização entre o mundo digital, o mundo instrumental e político e a esfera religiosa, e o faz de tal maneira que possibilita não só uma visão mais assertiva, mas uma percepção mais ampla.

E como ela seria mais assertiva? Cremos que seria pelo fato de conseguir correlacionar atividades passivas e ativas que podem se confundir caso tal conceito comunicativo não for empregado. A rotina semanal de participar de reuniões e ouvir sermões, ou participar de eventos missionários, são tanto passivos quanto ativos, ou seja, não se caracterizam por mera receptividade, senão por intensa atividade de assimilação e aplicação. Na esfera digital tal prática é ainda mais entrelaçada, com isso, no mesmo espaço e em um período muito curto de tempo o indivíduo passa do *religion online* para o *online religion*. Aqui temos mais um ponto importante, o papel do sujeito no processo, e ele como central para a intersubjetividade, e a intersubjetividade ocorrendo por uma certa estrutura mínima compartilhada.

É possível um exemplo de que essa complexidade poderia ser problematizada por tal concepção ao invés de cair em intermináveis discussões? Como já afirmamos estamos teorizando sobre um dispositivo cognitivo, e por sermos sensitivos e dotados da capacidade linguística, toda e qualquer matéria, até a mais abstrata, estará, parafraseando Kant, dentro dos limites da razão, portanto, não estamos deixando os fatos de lado, mas tentando compreendê-los sob os limites da nossas operações cognitivas; e nos opomos, assim como Frankfurt, à disposições pós-modernas de

¹⁵ Em seus trabalhos, James utiliza formas geométricas básicas, como círculos, quadrados e triângulos, combinando-as em composições complexas.



considerar que “[...] o que uma pessoa considera verdadeiro é uma mera função do ponto de vista individual dela ou é determinado pelo que ela é levada a considerar verdadeiro por várias pressões sociais complexas e inelutáveis” (FRANKFURT, 2007, p. 28). Não estamos analisando um movimento de massas que irão de um eixo ao outro de modo previsível; claro que precisamos de ferramentas objetivas, conceitos, pois certamente há uma coerência, mas não tão direta como se supõe, pois, a forma como conhecemos o mundo, como desenvolvemos crenças sobre a realidade e sobre o sagrado, não se determinam pelos eixos cartesianos; isso é antes de tudo perder de vista os próprios fatos não só como se apresentam, mas como se constituem.

Cairemos, portanto, em uma relatividade ou imprecisão técnica? Qual é a razão de abdicarmos das leituras dos dados – mesmo que eles possam falhar o método ainda é eficaz, é o método mais seguro, é um método científico, e falhas não caracterizam o método como falso ou infrutífero – tal como temos feito, para irmos, novamente, para questões de cunho metafísico e pouco prático? E a nossa resposta é que não perde-se o fato de vista, e ganha-se em quantidade de dados a se analisar, mas se estes dados aumentam eles precisam ser depurados com ferramentas de análise de realidade condizentes; e não necessariamente serão mais complexos e herméticos, senão mais condizentes com a própria realidade, entretanto, demanda-se um maior diálogo interdisciplinar. Outro ponto é que defendemos uma concepção naturalista¹⁶ da estrutura cognitiva, e esta seria investigada ao fazermos as perguntas clássicas e corretas ao escopo em questão, ao invés de abstrair resultados e classificá-los com uma ideia geral sobre o local de suas origens e sua disposição interna. As perguntas a serem feitas (que são norteadoras e não questionários ao público alvo) remetem a como o nosso dispositivo cognitivo e sensitivo lidam com as perguntas e ansiedades pessoais sobre: o que podemos conhecer do mundo? O que podemos saber sobre Deus (e as variantes; Deus foi humano, Jesus Cristo é Deus? Se sim, de que modo? Qual Cristo me relaciono, com o divino, o que foi terreno, ambos? Etc.)? Qual minha ligação com o que existe e há sentido e uma finalidade para tudo isso? O que de fato somos e por que somos assim? Tendo alguma resposta inicial para qualquer das questões básicas, como pudemos nós chegar a elas e qual lógica as explicam? É possível tornar tal conhecimento prévio comunicável intersubjetivamente? Entre outras tantas questões. E mais importante, a nossa prática, mais do que a nossa teoria, é que evidencia como essas questões são tratadas e desenvolvidas, portanto, estamos tratando de um tema

¹⁶ Como todo “ismos” e “istas” nossa defesa acarreta em inúmeras questões sobre suas vertentes e problemas internos. Não obstante isso, o naturalismo que advogamos relaciona-se não com uma visão reducionista do comportamento humano, ou com o determinismo, mas sim com uma ideia biográfica da disposição humana de trabalhar com sua própria disposição cognitiva.



epistemológico e que pode ser problematizado empiricamente, mas só se considerarmos o conteúdo inicial (metafísico) que subjaz a toda prática, principalmente de grupos religiosos.

Ainda que reine a oposição, não é uma questão de necessidade de que seja verdade ou falso o que aqui propomos, mas sim, se será mais ou menos eficaz no quesito de precisão conceitual, e aqui defendemos que será; portanto, não apelamos para uma ideia transcendental, mas sim prática, não estamos querendo relativizar o que temos como dados, mas sim aprofundar e mostrar que o nosso “iceberg” possui muito conteúdo abaixo do nível observado.

5 Considerações finais

Tratamos sobre pesquisas recentes que se debruçam sobre o fenômeno religioso protestante. O nosso ponto central se deu a partir da concepção da atividade religiosa no mundo hiperconectado. Dirigimos nossa crítica a tendência comum no mundo teórico de ver e a teorizar de forma binária e externa, realizando separações e principalmente classificações que deixam escapar o problema inicial; que é tema de pesquisas na área da teoria do conhecimento. O nosso frio estilo contemporâneo tende a considerar estatisticamente o envolvimento de grupos, no nosso caso a igreja protestante brasileira, mas o faz sem entrar com profundidade no caráter epistêmico, psicológico, emocional, cultural, valorativo e histórico, que fundam um link entre o subjetivo e o intersubjetivo. Temas como a liberdade, a responsabilidade, valores morais, hábitos, justificação e outros tantos, que continuam na esteira da discussão entre uma visão teológica racionalista, nominalista e cética, e uma visão externa aos mesmos moldes, ou seja, que são de cunho ontológico, epistêmico e metafísico, não são abarcados por uma visão e descrição utilitarista (em relação aos dados). Mesmo que se diga que pesquisas com tal foco tenham como objetivo apenas compreender tendências – já que seria tema apenas da teologia versar sobre os fundamentos – elas irão falhar, como constantemente acontece, não só por deixar escapar um ou outro detalhe, mas por desconsiderar que a base é intrínseca a toda discussão filosófica por excelência.

A era da técnica, da grande importância que as ciências práticas possuem, nos oferece uma falsa noção de que as ações humanas podem se despir de todo caráter espiritual, a ponto de quem se encontra – pelo olhar externo – envolto em uma crença como a protestante, estaria dentro da classe do tribalismo moral. Porém tal tribalismo – como constantemente é retratado – se efetivou e está se expandindo dentro do mundo da técnica, e isso nos mostra que há uma falha em nossos sistemas de interpretação, há algo ocorrendo como base e isso é o desenvolvimento comunicativo (triádico) que quebrou a barreira do *online* e *offline*.



O nosso argumento se centralizou a combater tal visão, e sugeriu uma mudança ao mapa de Siuda, no qual ele tenta classificar as ações e plataformas religiosas no mundo digital. Tal mapa não é suficiente pois ainda se mantém na esperança de categorização externa, como se fossemos apenas observadores de um movimento; no lugar disso sugerimos uma visão do fenômeno como comunicação, em sua atividade epistêmica, contextualmente filosófica. O que sugerimos é que o que está ocorrendo não é um sistema de incoerências e apologias destituídas do exercício racional, mas sim, a fluidez do exercício epistêmico e sentimental, que não é captado por uma teoria que queira tornar o fenômeno estático e classificatório. Assim, queremos voltar a encarar o problema não por uma teoria crítica (com sistemas já fundados em uma dada noção de funcionalidade e normalidade), mas uma filosofia que busque no exercício da linguagem as complexidades que há séculos são temas nucleares da filosofia, a saber, a metafísica, a ontologia e como é possível e como se realiza e como se manifesta nosso conhecimento e percepção do mundo e das entidades.

Referências

- ALVES, J. E. D., CAVENAGHI, S. M., BARROS, L. F. W., & CARVALHO, A. A. de. *Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil*. Tempo Social, 29(2), p. 215-242, 2017.
- ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- CAMPBELL, Heidi A. *Understanding the Relationship between Religion Online and Offline in a Networked Society*. *Journal of the American Academy of Religion*, Vol. 80, Ed. 1, p. 64–93, 2012.
- GALINDO, Daniel; GUSSO, Ana Claudia. *A Comunicação Interna e Dirigida como Instrumento Estratégico nas Igrejas Evangélicas Históricas*. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, v. 11, n. 11, p. 137-150, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *Religion as a cultural system*. In: *The interpretation of cultures: selected essays*, Geertz, Clifford, pp.87-125. Fontana Press, 1993.
- GILLESPIE, Michael Allen. *The theological origins of modernity*. Chicago: The university of Chicago Press, 2008.
- GLOCK, Hans-Johan. *O Que é a filosofia analítica?* Tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2011.
- IBGE (1991, 2000, 2010), *Microdados dos censos demográficos*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>>. Acesso em: 03/03/2023.
- JACOB, C. R. et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora da puc-Rio/Loyola, 2003.



KIERKEGAARD, Søren A. *Temor e Tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1993.

_____, Søren A. *A prática do cristianismo: por anti-climacus n° I, II, III*. Tradução de Paulo Abe. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021.

PRRI. *A Christian Nation? Understanding the Threat of Christian Nationalism to American Democracy and Culture*. Disponível em: <<https://www.prrri.org/research/a-christian-nation-understanding-the-threat-of-christian-nationalism-to-american-democracy-and-culture/>> Acesso em: 03/03/2023.

SIUDA, Piotr. *Mapping digital religion: Exploring the need for new typologies*. Religions, v. 12, n. 6, p. 373, 2021.

STRAWSON, P. F. *Análise e metafísica: uma introdução à filosofia*. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

_____. *Indivíduos: um ensaio de metafísica descritiva*. Tradução de Plínio Junqueira Smith. São Paulo. Ed. Unesp, 2019.

_____. *Moralidade social e ideal individual*. In: CONTE, Jaimir; GELAIN, Itamar Luís (org). *Ensaio sobre a filosofia de Strawson*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2015. 300p.

Wikipedia contributors. "The Family International." *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Wikipedia, The Free Encyclopedia, Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Family_International&oldid=1142371426>. Acesso em: 03/03/2023.

Recebido: 07-04-2023

Aceito: 13-06-2023